



Um iceberg no caminho das EMPRESAS

Custos com saúde podem ser bem maiores do que se estimam

Um risco ameaça o futuro das empresas brasileiras e não se trata do comportamento da economia ou das tendências do mercado. Em 2008, os gastos com saúde totalizaram 37 bilhões de reais e, desse total, cerca de 25 bilhões saíram dos cofres privados. É o segundo maior custo das grandes organizações, depois da folha de pagamento, e seu valor tende a subir. A expectativa dos especialistas é de que as despesas com assistência médica vão aumentar nos próximos doze meses, atrofiando a capacidade de investir e até mesmo comprometendo o desempenho financeiro. A gravidade dessa questão levou à realização do 1º Fórum VOCÊ RH – Gestão Estratégica de Saúde, que reuniu em São Paulo mais de 400 executivos de RH, gestores e médicos do trabalho de grandes organizações para ouvir alguns dos maiores especialistas do país nessa área.

Com patrocínio da Amil, OdontoPrev e Medial Saúde, e apoio do Boston Medical Group, o evento debateu os

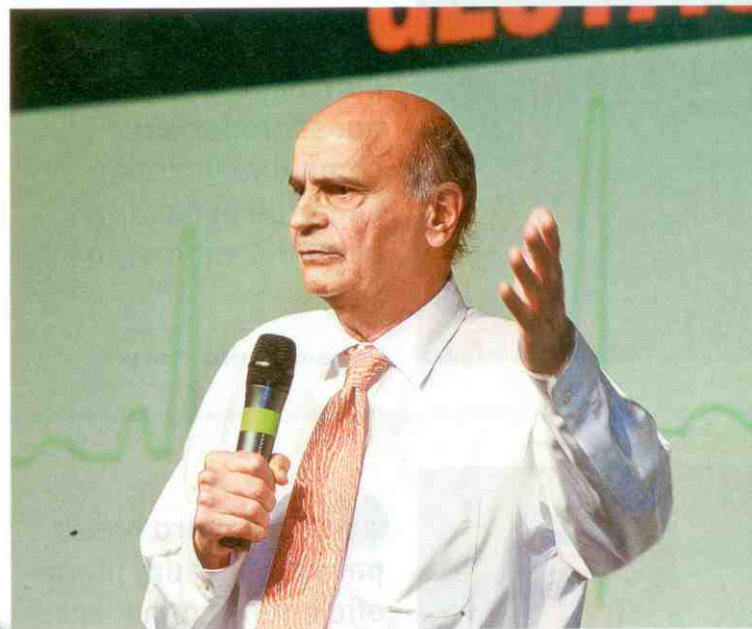
principais temas ligados ao assunto. “É um problema que exerce enorme impacto sobre as empresas, influi em seus resultados e pode fazer a diferença entre rentabilidade e prejuízo”, lembrou Alexandre Caldini, diretor superintendente das revistas VOCÊ RH, VOCÊ S/A, INFO e EXAME, da Editora Abril. “Por isso, muitas delas já perceberam que a boa gestão da saúde passou a ser uma questão de estratégia competitiva, por causa dos custos envolvidos e por se tornar fator de atração e motivação para garantir produtividade e um bom ambiente de trabalho.”

Na abertura do evento, foi transmitido um depoimento exclusivo do ministro da Saúde, José Gomes Temporão, que destacou o papel das grandes corporações para a melhoria da saúde e a necessidade de parcerias com o setor público para estabelecer novos padrões de gestão e garantir um atendimento eficiente. “A nova gripe A H1N1 mostrou a importância de se ter uma rede de saúde estruturada para permitir ações rápidas”, afirmou.



Mais de 400 profissionais
estiveram presentes no
1º Fórum VOCÊ RH – Gestão
Estratégica de Saúde

FOTOS: RONIEL FELIPE



“Em muitas empresas, recompensas em dinheiro têm ajudado funcionários a abandonar o cigarro”

Drauzio Varella, médico

EPIDEMIAS MODERNAS

O médico oncologista Drauzio Varella abordou as drásticas transformações ocorridas na saúde, lembrando que até a década de 20 a expectativa de vida na Europa não passava de 40 anos. Desde então, essa média praticamente dobrou, como resultado de novidades como as vacinas, os antibióticos e os avanços em saneamento básico. “Mudamos de paradigma, mas a vida moderna trouxe outros problemas”, disse. Há 30 anos, 12% da população brasileira estava acima do peso; hoje são 40%. Além da alimentação inadequada, os fatores mais graves para a saúde são o estresse e o sedentarismo, principais causas de doenças crônicas, como as cardiovasculares, a hipertensão e o diabetes. “São as grandes epidemias dos dias de hoje.”

Para Varella, as empresas podem e devem contribuir para reverter esse quadro. Um exemplo, lembrou, é o combate ao tabagismo. “As complicações trazidas pelo cigarro são terríveis

e as mais difíceis de tratar.” A alternativa sugerida por ele são programas para ajudar os funcionários a deixarem de fumar, como mostrou recentemente uma pesquisa publicada pelo influente *New England Journal of Medicine*, dos Estados Unidos. O estudo, com 900 participantes, revelou que uma recompensa de 750 dólares serviu de incentivo para a maioria abandonar o vício. Esse tipo de estímulo também vem sendo usado com sucesso para o controle de peso e para promover a prática de exercícios físicos.

A saúde passou a ganhar espaço nos pacotes de benefícios. Uma pesquisa interativa conduzida por Rogério Rabelo, diretor do Fleury Gestão de Saúde, indicou que 65,7% das empresas dos participantes do fórum têm programas de gestão de saúde em andamento. O problema é que a maioria não se dá conta da dimensão que essa questão pode assumir. Não por acaso, a figura mais usada pelos palestrantes para ilustrar esse risco foi um iceberg, que costuma ter a maior parte de sua massa de gelo escondida por baixo da superfície.

O impacto econômico das doenças crônicas nos Estados Unidos é de 300 bilhões de dólares por ano, mas a perda de produtividade chega a quase quatro vezes mais – 1,1 trilhão de dólares, conforme estudo apresentado por Rabelo –, e a proporção não varia muito em outros países. É esse o tamanho do problema, que se traduz pela ausência ao trabalho – o absenteísmo – ou, por outra face, o presenteísmo,

